

BOLETIM DA EDUCAÇÃO

Nº 1 Agosto 1992



MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

APRESENTAÇÃO

Nossa proposta de educação está sendo construída através da cooperação. Crianças, professores, lideranças, o conjunto dos assentados e acampados que começam a discutir e a fazer uma Escola diferente. Uma Escola do nosso jeito, que nos ajude a enfrentar os problemas do dia a dia.

Um dos grandes desafios do Setor de Educação vem sendo produzir materiais que ajudem a clarear e a construir na prática esta nova educação.

Neste momento estamos lançando o BOLETIM DA EDUCAÇÃO. Pretendemos que seja uma publicação ágil e dinâmica, e que consiga se espalhar nos vários cantos do nosso país onde o MST está organizado.

Os objetivos deste BOLETIM:

- 1) Contribuir na discussão da proposta de educação.
- 2) Subsidiar diretamente o trabalho dos professores em cada Escola de Acampamento e Assentamento.

A idéia é que este Boletim circule a cada 2 ou 3 meses, trazendo em cada número temas para reflexão e sugestões concretas de como fazer no dia a dia esta nova Escola que queremos.

O BOLETIM DA EDUCAÇÃO nº 01 traz o tema COMO DEVE SER UMA ESCOLA DE ASSENTAMENTO. Trata-se de um resumo da proposta de educação do MST. São dez pontos pra que a gente possa comparar as escolas que temos com as que realmente queremos.

Sugerimos que este material seja divulgado e discutido nos Assentamentos e Acampamentos, nos núcleos, nas direções, nos setores, nas Escolas, no conjunto da militância do MST.

O apoio de cada companheiro é fundamental pra garantir que esta proposta se torne realidade e mais uma das nossas bandeiras de luta.

OCUPAR - RESISTIR - PRODUZIR

TAMBÉM NA EDUCAÇÃO !

Setor de Educação.

Agosto de 1992.

COMO DEVE SER UMA ESCOLA DE ASSENTAMENTO

- 01 - A Escola de Assentamento deve preparar as crianças para o trabalho no Meio Rural.
- 02 - A Escola deve capacitar para a Cooperação.
- 03 - A Direção da Escola deve ser coletiva e democrática.
- 04 - A Escola deve refletir e qualificar as experiências de trabalho produtivo das crianças no Assentamento.
- 05 - A Escola deve ajudar no desenvolvimento cultural dos Assentados.
- 06 - O Ensino deve partir da prática e levar ao conhecimento científico da realidade.
- 07 - O Coletivo da Escola deve se preocupar com o desenvolvimento pessoal de cada aluno.
- 08 - O professor tem que ser militante.
- 09 - A Escola deve ajudar a formar militantes e exercitar a mística da luta popular.
- 10 - A Escola também é lugar de viver e refletir sobre uma nova ética

- 01 - A ESCOLA DE ASSENTAMENTO DEVE PREPARAR AS CRIANÇAS PARA O
TRABALHO NO MEIO RURAL

A Escola não pode ter uma finalidade em si mesma. Ela sempre reflete seu tempo e por isso deve se colocar a serviço das necessidades concretas do grupo social que está usando e fazendo. Deve instrumentalizar para a ação imediata e preparar a construção do futuro.

Na perspectiva ideológica da classe trabalhadora hoje, o grande objetivo da Escola deve ser a de EDUCAR SUJEITOS para a transformação da realidade atual.

Mas trazendo estas reflexões para as Escolas de Assentamentos, é preciso traduzir mais concretamente este objetivo. A pergunta é: - na conjuntura atual do campo e da luta pela Reforma Agrária em nosso país, o que significa educar sujeitos para a transformação social?

A resposta parece clara:

A Escola deve ajudar a consolidar e a avançar este MODELO DE DESENVOLVIMENTO RURAL que está nascendo através dos Assentamentos e que visa dar condições aos camponeses para que permaneçam, produzam e tenham uma vida digna no campo.

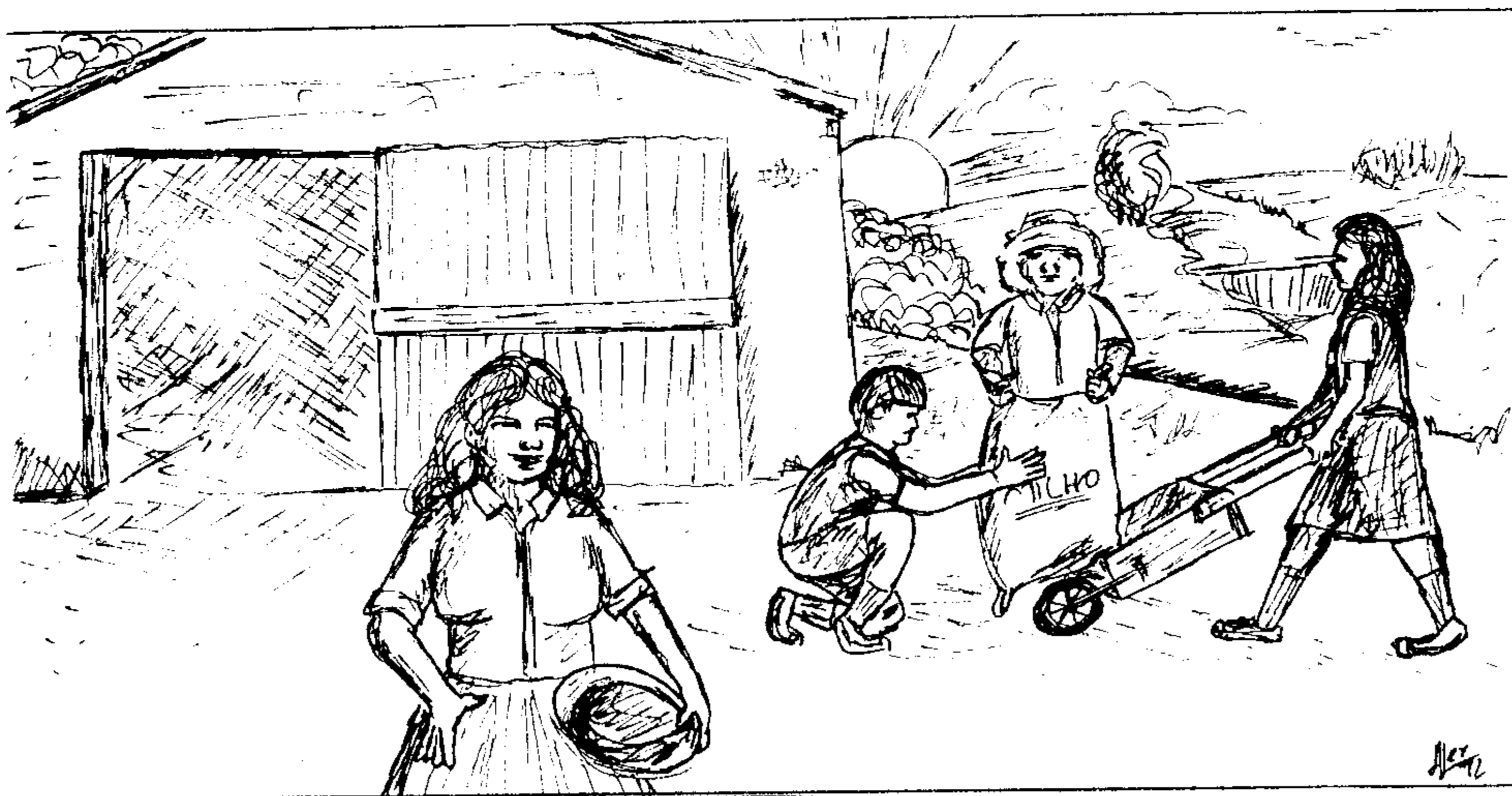
Mais concretamente ainda: a Escola deve ajudar no desafio de fazer o Assentamento dar certo. Nos aspectos econômicos, políticos e de relacionamento social.

E como a Escola pode ajudar nisso: principalmente criando condições para que as crianças participem deste desafio e também queiram e possam permanecer no campo.

A primeira condição é a própria continuidade da luta pela Reforma Agrária. Por isso a Escola deve se preocupar com a formação de militantes.

A condição é a capacitação técnica e científica para enfrentar as exigências de um modelo de produção mais empresarial e competitivo.

Para isso os 3 pilares fundamentais da Escola dos Assentamentos devem ser: o TRABALHO AGROPECUÁRIO, o CONHECIMENTO CIENTÍFICO DA REALIDADE e o AMOR PELA LUTA.



Ou seja, em nossas Escolas é preciso garantir:

- que os conteúdos de ensino tratem das questões do Assentamento, especialmente dos conhecimentos sobre tecnologias de produção e organização da produção agropecuária;
- que os conteúdos de ensino também dêem conta de situar os alunos na realidade atual do campo, da relação Campo-cidade, do país, do mundo; que lhes prepare para tomar decisões em função do conhecimento científico da realidade mais ampla;
- que as crianças tenham experiências práticas de trabalho agropecuário e que estas experiências tenham relação com a produção real do Assentamento;
- que tudo o que as crianças aprendam e vivam na Escola alimente o seu desejo e a sua razão de continuar na luta pela Reforma Agrária e pela sociedade dos trabalhadores.

- 02 - A ESCOLA DEVE CAPACITAR PARA A COOPERAÇÃO

Uma das principais lições que nossa luta vem trazendo é que é somente através da COOPERAÇÃO que conseguimos resolver nossos problemas.

Por mais que a gente seja consciente, corajoso, inteligente, a gente nunca consegue enfrentar o inimigo sozinho. Ninguém conquistou a terra sozinho. Ninguém se educa sozinho. Ninguém vai transformar a sociedade sozinho. Mas podemos fazer tudo isso se aprendemos a nos organizar e agir coletivamente.

Nos Assentamentos o TRABALHO COLETIVO tem sido o grande desafio: planejar coletivamente a produção; trabalhar dividindo tarefas e responsabilidades, pensar no avanço do conjunto e não só na família de cada um; lutar juntos por escola, por saúde, estrada, superar divergências etc. Não é fácil. Mas hoje cada vez mais os Assentados estão convencidos de que este é o melhor jeito de resistir na terra, de melhorar as condições de vida das famílias e também ajudar no avanço da luta como um todo.

E por que não é fácil trabalhar assim?

Parece que quando tivemos que nos juntar num Acampamento não foi tão difícil. Talvez porque sentimos que não havia outra alternativa. E talvez também porque sabíamos que era uma solução provisória.

Mas na hora do Assentamento, da vida mais estável, temos a tendência de esquecer as lições da luta. Vem à tona em nós uma educação que tivemos e toda uma experiência de trabalho individual que nos faz ter dificuldades em aceitar outra forma de vida. No fundo ainda trazemos em nós os princípios da burguesia que dizem que o coletivo é perigoso; que toda a organização é subversiva e só faz confusão.

Por isso é que precisamos nos reeducar. Precisamos APRENDER A VIVER NO COLETIVO. Precisamos nos CAPACITAR PARA A COOPERAÇÃO.

E a nossa Escola, que é fruto da luta do coletivo, como poderá enfrentar este desafio?

O grande papel da Escola nesta história toda é justamente ajudar no processo de EDUCAÇÃO DO COLETIVO.

E uma das principais formas de ajudar é criando as condições objetivas para que as crianças, desde pequenas se capacitem para a organização coletiva, para a cooperação.

Capacitar-se significa SABER FAZER NA PRÁTICA. Portanto, não é só falar, ler ou escrever sobre cooperação. É fazer na prática. É também estudar sobre o trabalho coletivo mas a partir da prática.

Ou seja, o princípio é que as crianças devem aprender a viver no coletivo experimentando na própria Escola o que é cooperação.

Devem ser desafiadas a se organizar, assumir responsabilidades, a resolver em conjunto os problemas que vão acontecendo no dia a dia da Escola.

Devem aprender a trabalhar e estudar em equipes, a se avaliarem, a fazer suas próprias Assembléias e reuniões, a tomar decisões e assumir os resultados destas decisões.

Nos Assentamentos aonde o trabalho é individual a Escola assim organizada vai permitir uma reflexão sobre esse jeito de trabalhar. É uma reflexão que será puxada pelas próprias crianças, futuras líderes dos Assentamentos.

Nos Assentamentos que já trabalham no coletivo a Escola poderá também assumir o compromisso de acompanhar (ajudar refletir, planejar, avaliar) a participação das crianças na organização coletiva do Assentamento, a começar pela participação sua na produção.



- 03 - A DIREÇÃO DA ESCOLA TEM QUE SER COLETIVA

Ou seja: as decisões sobre a estruturação e o funcionamento da Escola não cabem a uma ou duas pessoas, mas devem ser tomadas por um coletivo que represente o Assentamento como um todo.

Diretores nomeados de fora podem ter poder legal mas não têm poder legítimo dentro de uma comunidade organizada.

É impossível fazer uma educação cooperativa numa Escola dirigida de forma autoritária e sem a participação real dos assentados.

Participação real não significa ser chamado para alguma reunião do dito Círculo

de Pais e Mestres, tratando de questões secundárias ou de comportamento dos alunos.

Participação real dos assentados na Escola significa a criação de CONSELHOS ESCOLARES: espaços coletivos de decisão sobre quem serão os professores, quem vai coordenar o dia a dia da Escola, qual será a relação da Escola com a organização do Assentamento, quais são as melhorias necessárias na infra-estrutura e como conquistá-las, como implementar os princípios pedagógicos de que estamos falando aqui, o que priorizar nos estudos de cada ano ou semestre letivo, etc . . .

E não devemos confundir direção coletiva com democratismo ou anarquia: chamar todo o Assentamento para decidir cada coisa que vai acontecer na Escola. Isto seria um péssimo exemplo de organização coletiva.

A democracia somente se constrói na organização racional dos espaços de gestão.

Assim por exemplo, se o Assentamento tem um Setor de Educação é este Setor que participará mais diretamente das discussões sobre a Escola, garantindo através das demais instâncias da organização que todo o Assentamento participe das decisões.

Os professores por sua vez, têm o seu espaço de direção: a eles cabe traduzir no planejamento curricular e nas decisões do dia a dia, as orientações gerais aprovadas pelo coletivo da Escola.

Do mesmo modo as crianças devem ter seu espaço de direção sobre como fazer suas atividades de estudo e trabalho.

O que vai garantir a UNIDADE é a clareza e o compromisso de todo o coletivo com os objetivos e os princípios desta nossa proposta de educação e da organização do MST como um todo.



- 04 - A ESCOLA DEVE REFLETIR E QUALIFICAR AS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO PRODUTIVO DAS CRIANÇAS NO ASSENTAMENTO.

Desde pequenas as crianças devem começar a participar do processo produtivo. Nada lhes educará melhor a personalidade do que a vivência concreta do desafio de viabilizar a produção coletiva do Assentamento.

E nada lhes despertará mais curiosidade de aprender que a responsabilidade real por uma determinada parte de sustentação econômica do Assentamento.

Na prática a maioria das crianças assentadas trabalha. Mas geralmente não é um trabalho planejado, organizado e onde elas possam se sentir responsáveis.. pelo resultado do processo. Costumam ser meras cumpridoras de tarefas que os adultos lhes determinam e elas nem sabem direito do que se trata.

Este tipo de trabalho pode ser até útil em momentos emergenciais de fazer avançar a produção no Assentamento. Mas não chega a ser educativo para as crianças.

Por isso estamos metendo a Escola no meio do trabalho. Para que a Escola possa ajudar a tornar mais educativas e produtivas as experiências de trabalho das crianças.

Esta ajuda quer dizer o seguinte:

1º) Nos Assentamentos onde existe uma organização coletiva da produção a Escola pode participar do planejamento e do acompanhamento do trabalho das crianças, garantindo principalmente que:

- as tarefas sejam assumidas por um coletivo de crianças e não por cada criança individualmente.
- o coletivo das crianças tenha gestão sobre o seu processo de trabalho, mesmo orientado por adultos;
- as responsabilidades assumidas pelas crianças estejam de acordo com sua idade e não lhe impeçam de dedicar tempo ao estudo e às brincadeiras próprias da infância.
- as crianças saibam e participem concretamente do destino social dos produtos de seu trabalho;

2º) Nos Assentamentos onde a organização da produção não permita a participação coletiva das crianças, a Escola pode ela mesma propiciar estas experiências de trabalho produtivo.

A organização cooperativa dos serviços da Escola já é um pouco isso.

Mas a idéia é se envolver diretamente com um tipo de trabalho que tenha repercussão direta e imediata na vida do Assentamento. Pode ser um trabalho com horta, com viveiro de mudas, com criação de pequenos animais. Mas também pode ser o trabalho de montar a Biblioteca do Assentamento ou de construir uma farmácia de ervas ou ainda de fazer o jornalzinho do Assentamento.

O fundamental em qualquer um dos casos é que não seja uma experiência artificial de trabalho. Ou seja, o trabalho deve ser realmente produtivo, deve ajudar a melhorar a vida do conjunto do Assentamento. Não é por exemplo, fazer uma horta de verduras na escola ,

quando o Assentamento está cheio de hortas ou tem uma horta coletiva que produz excedentes.

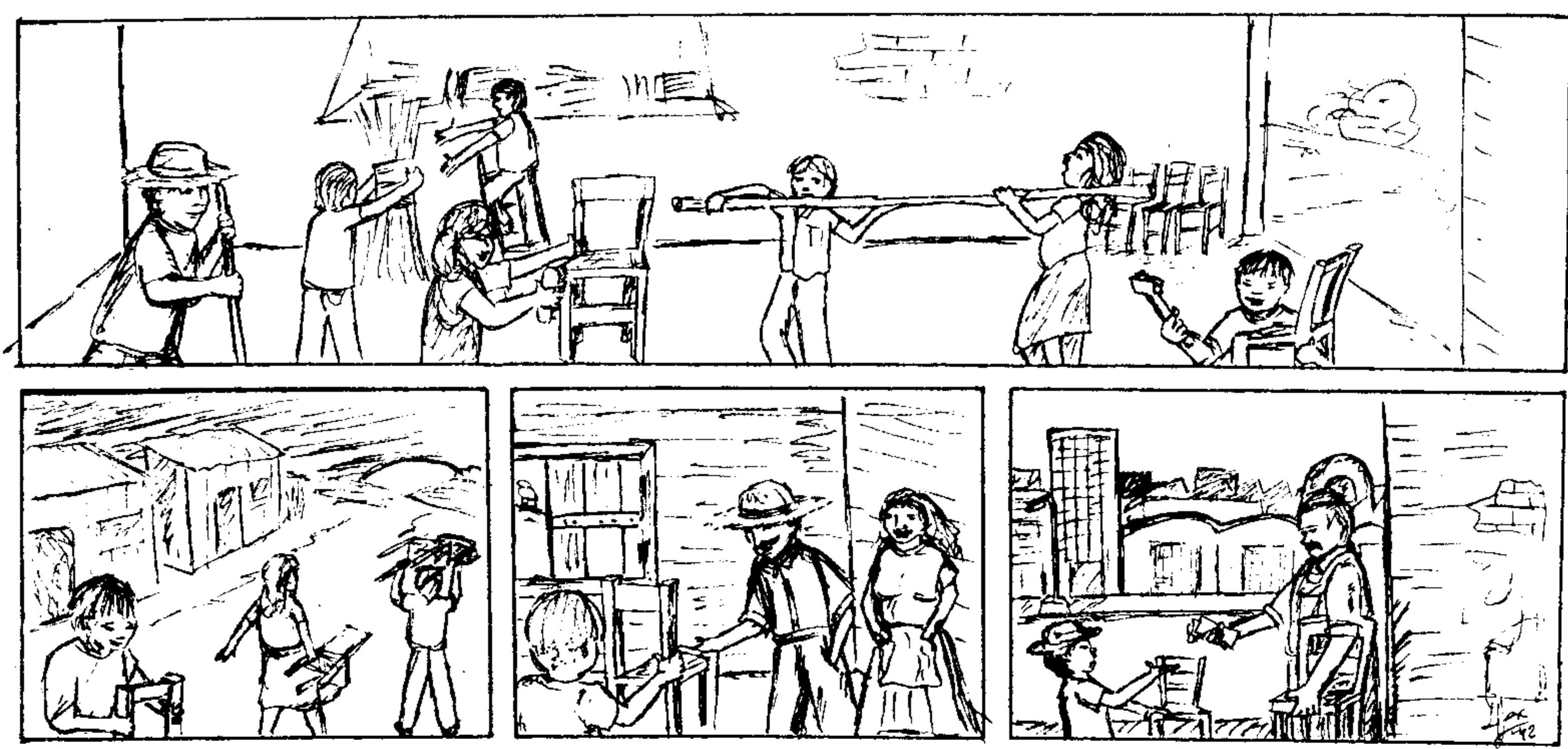
Este faz-de-conta não vai conseguir nem mesmo atrair o interesse das crianças. O desafio é criar alternativas de produção desde a Escola.

3º) Em qualquer uma das situações anteriores, a Escola deve aproveitar as experiências de trabalho como ponto de partida para o estudo teórico em sala de aula. Tanto das questões técnicas como das questões organizativas.

As crianças devem ter oportunidade de aprender os fundamentos científicos e tecnológicos do tipo de trabalho que estão desenvolvendo e que estão envolvidas.

E devem também aprender refletir e avaliar sobre cada decisão que vão tomando sobre os resultados concretos do que estão fazendo.

Mais um detalhe: o tempo de trabalho das crianças não deve diminuir o tempo de aulas ou de estudo. Quando pensamos numa experiência desse tipo estamos prevendo outro turno para o trabalho.



- 05 - A ESCOLA DEVE AJUDAR NO DESENVOLVIMENTO CULTURAL DOS ASSENTADOS.

A construção desse novo modelo de desenvolvimento rural baseado na cooperação e no avanço das tecnologias social e ecologicamente sustentáveis, exige uma verdadeira revolução cultural no campo.

Não se trata de matar a cultura camponesa e introduzir a cultura da sociedade capitalista urbanizada. Muito pelo contrário. Se trata de promover o desenvolvimento cultural nos Assentamentos através da construção da cultura camponesa. Isto quer dizer, rever as tradições, recuperar o saber sobre o próprio trabalho, mas também incorporar no **jeito** de viver as lições da luta e os elementos de um conhecimento cada vez mais amplo da sociedade e do mundo como um todo.

Na conjuntura atual dos Assentamentos, são condições básicas para o desenvolvimento cultural:

- 1º) A ALFABETIZAÇÃO de crianças, jovens e adultos. O acesso à linguagem escrita é fundamental para lidar com os novos desafios do trabalho e do relacionamento com o conjunto da sociedade.
- 2º) O ACESSO À INFORMAÇÃO sobre o que acontece nos Assentamentos, no MST, no país e no mundo. Que tem muito a ver com o hábito da leitura do jornal, dos materiais produzidos pela organização, de livros, revistas. Que tem a ver também com a participação em eventos fora do Assentamento.
E ainda, com boas rodas de conversas com quem tem boas informações sobre assuntos que interessam.
- 3º) A REFLEXÃO E A DISCUSSÃO SOBRE A PRÁTICA. As tarefas não podem ser mecânicas. As pessoas não podem se contentar com aquilo que já sabem. Cada um deve sentir-se desafiado a conhecer cada vez mais sobre aquilo que faz ou é responsável no Assentamento.
- 4º) O ESTÍMULO E A VALORIZAÇÃO COLETIVA DAS EXPRESSÕES CULTURAIS DOS ASSENTADOS: poemas, canções, artesanatos, festas, talentos ou habilidades pessoais que devem ser desenvolvidas em todas as idades como formas de expressar a história e o conhecimento acumulado pelo grupo; de ajudar no relacionamento entre as pessoas e de alimentar o sentido pleno da vida.

A cultura junta os povos. A cultura cimenta projetos políticos e econômicos.

A Escola deve ajudar neste processo, em primeiro lugar trabalhando estas dimensões com as crianças. Mas também indo além de suas paredes e participando dos desafios já citados.

A própria organização das crianças pode puxar certas iniciativas, como por exemplo o incentivo à leitura através da montagem da Biblioteca do Assentamento, a participação em brigadas de alfabetização de adultos, a organização da festa de aniversário do Assentamento, etc . . .



- 06 - O ENSINO DEVE PARTIR DA PRÁTICA E LEVAR AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO DA REALIDADE

O Ensino corresponde ao momento de repasse dos conteúdos ou da TEORIA. É através do ensino que os alunos entram em contato com o conhecimento já acumulado pela humanidade nos vários campos da vida humana. São teorias que outras pessoas formularam a partir da prática delas. Conhecendo estas teorias podemos entender e melhorar a nossa prática, sem ter que inventar a roda novamente.

Através de boas aulas as crianças vão se despertando para a importância do conhecimento da história, das ciências. Vão entendendo que o mundo é bem maior do que aquilo que enxergam no Assentamento.

Podem ser aulas expositivas do professor, podem ser leituras, podem ser pesquisas com pessoas, podem ser debates. O importante é que o ensino gere aprendizagem, ou seja, que as crianças consigam se apropriar e recriar cada conteúdo para poder usá-lo em sua vida.

Não se trata portanto de um repasse mecânico de conteúdos: o professor fala, a criança decora, escreve numa prova e depois esquece. Esse é o tal de "ensino bancário" que não leva a uma aprendizagem real e por isso não ajuda em nada. É perda de tempo.

Estamos falando de um tipo de ensino que leve à CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.

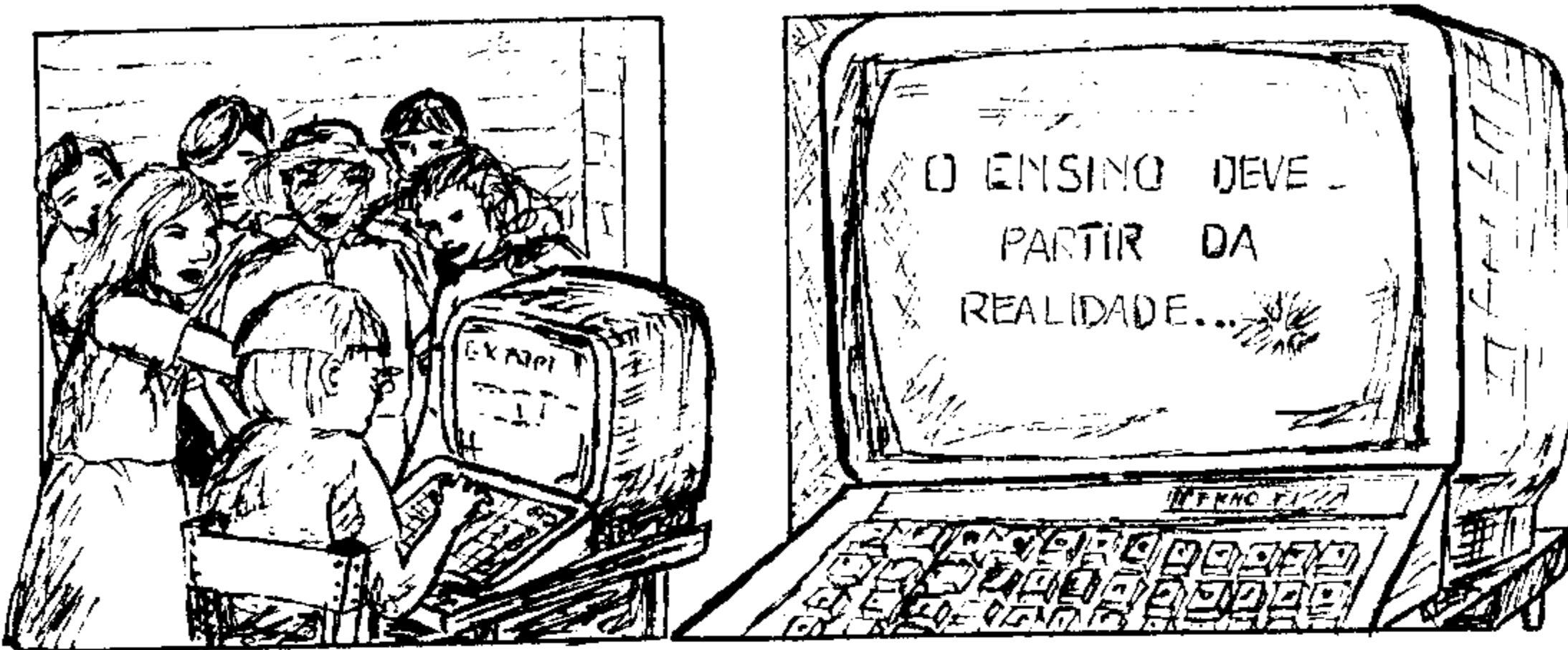
E como é que se constrói conhecimento?

Segundo os maiores estudiosos do assunto parece que o processo é mais ou menos o seguinte:

- 1º) A gente tem uma necessidade concreta de aprender/conhecer alguma coisa. Ex.: Nunca mexi com um computador e me colocam diante de um para que eu comece a trabalhar com ele. Ou seja, é minha necessidade concreta saber como ele funciona e

como devo lidar com ele.

- 2º) A gente passa a buscar informações e explicações sobre a coisa. Se tiver um professor de computação à mão, peço que me ensine. Se não, busco um manual que me dê pelo menos as primeiras instruções.
- Através delas começo a mexer com o "bichinho". Estou na fase da ASSIMILAÇÃO do conhecimento, ou seja, começo a entrar em contato com a teoria da computação, mas ainda nos seus rudimentos e com muita insegurança.
- 3º) A gente vai agindo e dominando a coisa. Testando as primeiras informações, errando e acertando, descobrindo mais um e depois mais outro livro sobre computadores, perguntando aqui e acolá mas, principalmente, "quebrar a cara" na prática, aos poucos vou dominando esta ciência. Esta é a fase de APROPRIAÇÃO do conhecimento, onde já circulo com segurança sobre o assunto, onde já consigo formular questões certas para continuar avançando.
- 4º) A gente passa a recriar a coisa. Já domino tanto o uso do computador que começo a inventar novos programas, novas linguagens, percebo falhas na própria teoria, chego a ser mestre na arte da computação. Aí estou na fase da CONSTRUÇÃO propriamente do conhecimento.



Então vejamos: a prática é o ponto de partida e o ponto de chegada do conhecimento. Por que é na prática que aparecem as necessidades ou os problemas concretos para o conhecimento. E é também através da prática que vou testando, dominando e refazendo a teoria.

Só que a prática sozinha, sem teoria, também não avança nada. Se não recebo as informações já existentes sobre um objeto e se não vou estudando e pesquisando sobre ele, não vou conseguir avançar na prática ou pelo menos vou demorar bem mais para descobrir as coisas.

É o caso da agricultura. Não precisamos inventar tecnologias novas a partir somente da nossa cabeça. Podemos nos apropriar de toda a pesquisa científica que já existe, por exemplo, sobre as alternativas da agricultura agroecológica, e recriá-la a partir das necessidades e características concretas dos nossos Assentamentos.

Nas nossas Escolas, então, quando dizemos que o ensino deve partir da prática, isto quer dizer concretamente o seguinte:

a) que os conteúdos de Matemática, Ciências, Português, etc, devem ser ensinadas a partir das questões concretas do Assentamento e, melhor ainda, das questões concretas que as práticas reais ou o trabalho das crianças vão colocando. Ex.: as crianças estão participando do planejamento da produção da lavoura do Assentamento e aparece a questão do uso ou não dos agrotóxicos no combate aos insetos. Pois é a hora certa do professor tratar na sala de aula de conteúdos que ajudem as crianças a entender e até participar da discussão. Conteúdos de Ciências que tratem da questão ecológica do uso de venenos e conteúdos de Matemática que ensinem a calcular os custos econômicos deste uso. E pode entrar o Português, que vai auxiliar no registro escrito e correto de toda a discussão ... Este processo vai garantir que as crianças realmente cheguem à CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO, já que elas têm a prática para fazer a relação;

b) que o professor deve ter a preocupação permanente de ajudar as crianças para que relacionem a realidade próxima com a realidade mais distante. Se estou estudando o clima do Assentamento para analisar o que é melhor plantar na horta da Escola, não devo ficar só no clima do Assentamento. É o momento de estudar os diferentes climas da Região, no Estado, no País e como interferem na vida do homem. E qual a relação entre a preservação do meio ambiente e variação do clima, etc;

c) que o professor deve selecionar os conteúdos e os materiais didáticos que realmente tenham a ver com a nossa realidade e que sejam científicos e críticos. Falsas teorias podem atrasar o processo de conhecimento que as crianças e nossos Assentamentos estão necessitando.

Fica claro também neste princípio o papel fundamental do professor e de como é importante ele conseguir se reunir com outros professores para planejar adequadamente toda a lógica deste processo.

- 07 - O COLETIVO DA ESCOLA DEVE SE PREOCUPAR COM O DESENVOLVIMENTO PESSOAL DE CADA ALUNO

Um coletivo não é e nem pode ser tratado como uma massa uniforme. No coletivo estão as PESSOAS, cada uma com suas potencialidades e dificuldades próprias.

O coletivo educa as pessoas. As pessoas se educam vivendo num coletivo. Mas isto não quer dizer que todos se eduquem do mesmo jeito e assumam as mesmas características. Cada pessoa tem um jeito de aprender. E cada pessoa vai processando de um modo diferente aquilo que vai ouvindo, vendo, fazendo, vivendo no coletivo. É por isso que a gente diz que não tem nenhuma pessoa exatamente igual a outra. E é por isso também que num coletivo cada pessoa tem um valor e uma contribuição específica.

O verdadeiro COLETIVO é aquele que consegue trabalhar as diferenças pessoais na perspectiva dos objetivos do conjunto. Que estimula e desafia o conhecimento e a auto-superação de cada pessoa para que ajude ainda mais o avanço do coletivo.

Quando um grupo tenta padronizar ou impedir o crescimento das pessoas, este grupo deixa de ser um coletivo para ser massa que qualquer obstáculo faz se quebrar.

A Escola que também é responsável pela formação da personalidade das crianças, precisa prestar atenção especial ao jeito de aprender e de se educar de cada uma delas, trabalhando no coletivo as diferenças.

E nesta questão o papel do professor é insubstituível. A ele cabe especialmente:

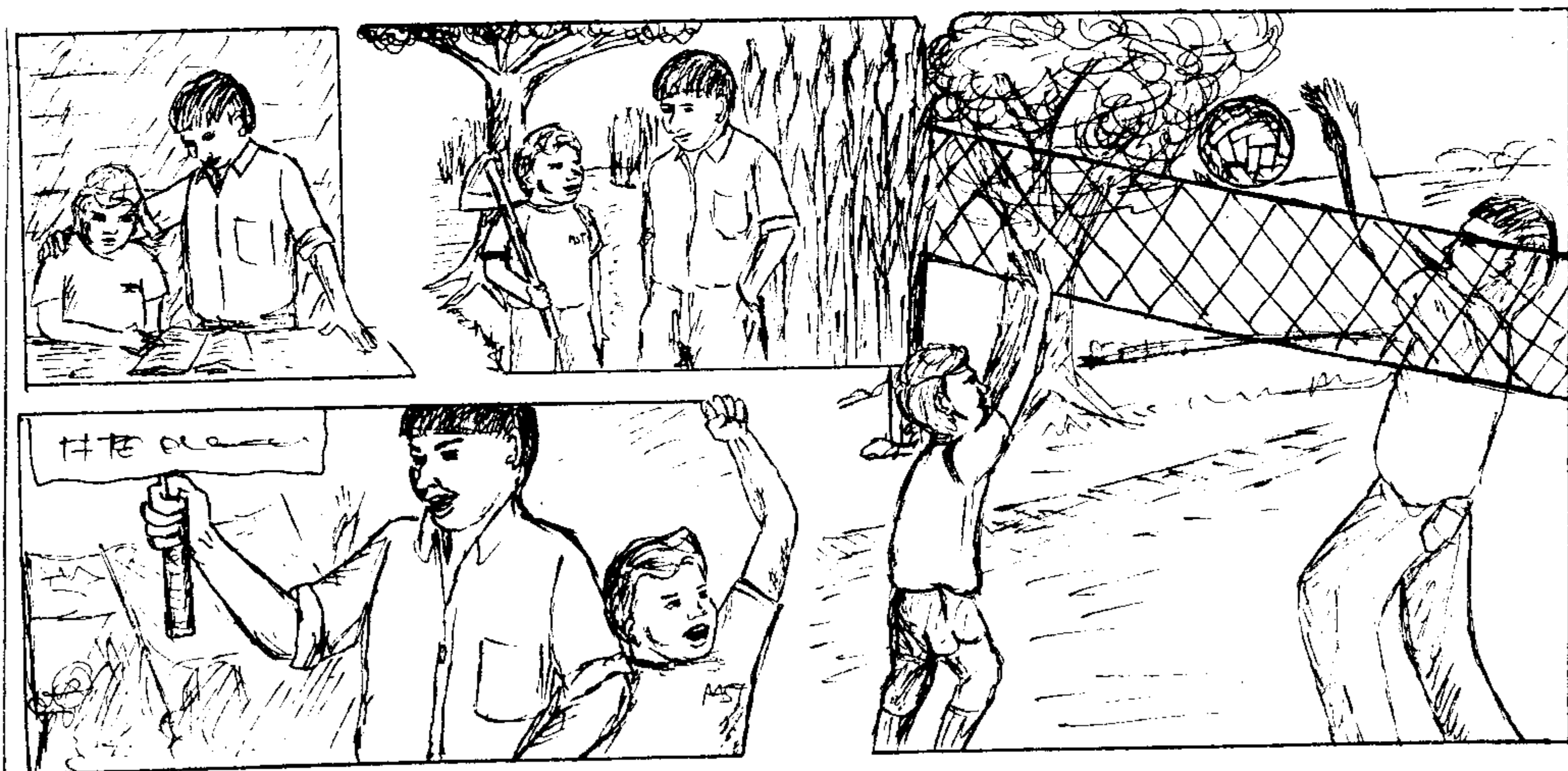
- acompanhar o desenvolvimento de cada aluno nos vários tipos de atividades, identificando suas maiores potencialidades e dificuldades e acionando o coletivo para que trabalhe sobre elas: ex.: se uma criança tem enormes dificuldades em participar de esporte, mas gosta muito de atividades artísticas; ela não pode ser massacrada por não saber jogar; pode até continuar sendo desafiada a participar dos jogos mas também deve ser incentivada na arte de que gosta e tem talento; do mesmo modo as crianças que vão demonstrando habilidades especiais de trabalho ou na própria atividade de estudar, de pesquisar, de escrever, devem receber estímulos e condições para aperfeiçoar-se cada vez mais; assim como é preciso identificar as causas das dificuldades de cada criança e ajudá-la. Sem paternalismo mas com carinho e aconchego;

- analisar regularmente o registro que as crianças vão fazendo no seu caderno, no seu diário para identificar os níveis de aprendizagem e desafiar cada criança a se superar dia a dia;

- dar ênfase aos hábitos pessoais de leitura, de estudo, de higiene, de organização dos próprios materiais, etc.;

- prestar atenção no jeito que as crianças trabalham em grupos; refletir com elas sobre os problemas que vão aparecendo tais como o "um faz e os outros olham"; ou o "eu sei e vocês não sabem"; ou ainda o "cada um faz o que quer".

- garantir um sistema de avaliação pessoal e coletiva, que seja rigoroso sem ser intimidador.



- 08 - O PROFESSOR TEM QUE SER MILITANTE

É papel do professor assumir a coordenação pedagógica da implementação desta proposta de educação nos Assentamentos. E para cumprir tarefa tão importante não pode ser qualquer professor. Canudo não basta. Discurso também não basta. É preciso MILITANCIA.

Os professores de nossas escolas devem ser MILITANTES do MST.

E o que significa ser militante?

Alguns elementos essenciais que constituem a militância são os seguintes:

- 1º) PERTENÇA IDEOLÓGICA: identificação com os interesses e os objetivos da luta do MST. Não importa se o professor é "de dentro" ou "de fora" do Assentamento. A pertença ideológica é uma opção que se constrói na luta.
- 2º) CLAREZA POLÍTICA: sabe onde quer chegar com o seu trabalho e porquê. Consegue situar cada ação cotidiana numa estratégia maior. Cada aula é um passo na construção da proposta de educação. E a proposta de educação, por sua vez, é um dos instrumentos da luta do MST, que também faz parte da luta maior da classe trabalhadora .
- 3º) CONSCIÊNCIA DE CLASSE: um professor que não se identifique como trabalhador , tampouco se identificará com a luta de um movimento de trabalhadores.
- 4º) AMOR PELA CAUSA DO POVO E CRENÇA PROFUNDA NO SEU TRABALHO: um professor que acredita no que está fazendo é capaz de superar os obstáculos do dia a dia é capaz de animar os companheiros nos momentos difíceis e celebrar com eles pequenas vitórias.
- 5º) DISCIPLINA PESSOAL: ser capaz de conjugar objetivos pessoais com os princípios da ORGANIZAÇÃO e a partir daí cumprir suas tarefas com o máximo de empenho e dedicação pessoal. Ninguém milita sozinho . Ninguém milita fora de uma organização. E o professor , geralmente acostumado a um trabalho mais isolado precisa romper com o isolamento e engajar-se na organização maior através do setor que lhe é mais específico que é o Setor de Educação .

Concretamente nos nossos Assentamentos, os professores demonstram MILITANCIA quando:

- participam da organização do Assentamento, ajudando a resolver os problemas do conjunto;
- Integram um NÚCLEO do MST;
- participam dos momentos de festa e de convivência informal dos Assentados;
- participam de algum tipo de ação pública do MST ou do Assentamento (briga por estradas, caminhadas, etc.);

- ajudam a organizar a Equipe de Educação do Assentamento;
- participam do Setor de Educação a nível estadual;
- buscam sempre trabalhar em conjunto com outros professores, especialmente no planejamento das aulas;
- participam dos cursos de Formação e capacitação chamados pela organização;
- conseguem defender com clareza de argumentos e competência prática a proposta de Educação do MST onde isso é necessário: perante os próprios assentados, perante os órgãos oficiais de ensino, etc ;
- se empenham no estudo e na prática de cada um dos princípios pedagógicos desta proposta, buscando permanente capacitação;
- aceitam e promovem avaliações periódicas sobre o seu trabalho no Assentamento;
- são exemplos de disciplina, dedicação e entusiasmo para as crianças.



- 09 - A ESCOLA DEVE AJUDAR A FORMAR MILITANTES E EXERCITAR A MÍSTICA DA LUTA POPULAR

Um dos grandes objetivos de uma Escola organicamente ligada a um movimento social é a formação de militantes. É isso que garante a continuidade e o avanço da luta popular.

Todos os princípios que sustentam nossa proposta de educação devem desembocar num aluno militante. E não se trata de preparar exclusivamente militantes para o MST. A luta tem um horizonte do tamanho do mundo e há muitas frentes de militância pela classe trabalhadora. Só que nosso ponto de partida não pode ser outro senão alimentar a militância dos alunos no Movimento que lhes é neste momento referência.

Quanto mais cedo as crianças começam a se engajar na construção do novo projeto mais amor pegam e mais cedo teremos os quadros de que necessitamos.

Na prática as crianças estão naturalmente engajadas. Têm participado de ocupações, de caminhadas, de manifestações e através disso, queiramos ou não, estão educando sua personalidade.

O trabalho da Escola é participar deste processo. Refletir com as crianças. Explicar o porquê das ações. Trabalhar com elas os sentimentos de medo, de revolta mas também de conquista, de entusiasmo e de aventura que vivem. E, principalmente, nos Assentamentos, onde a vida fica mais estável não deixar que morram estas lições da luta.

EXERCITAR A MÍSTICA DA LUTA. Este é um dos desafios importantes que a Escola pode enfrentar na intenção de formar militantes.

Não podemos ignorar que mesmo para os adultos a militância não é um processo somente racional e de consciência intelectual. É também uma crença profunda em valores e princípios que se traduzem naquilo que hoje chamamos de mística:

A Mística é a MOTIVAÇÃO para seguir em frente. Nasce do coração e nem sempre atravessa o cérebro. Mas sempre se traduz em ações ou expressões concretas.

O conteúdo da mística são os valores da justiça, igualdade, da liberdade; é o companheirismo, a solidariedade, a resistência. O sonho de uma vida digna. O sonho de uma nova sociedade, de uma nova educação, de um novo homem e de uma nova mulher. É a paixão que vai sendo construída pela causa do povo.

A expressão ou a forma da mística pode ser um gesto, um símbolo, um grito, um canto, uma camiseta, uma reza, uma caminhada, um sacrifício . . . Mistura compromisso com alegria. Luta com festa. Tem mais força quando envolve a participação ativa de todo o grupo.

Ter mística, significa ser capaz de estremecer de emoção diante da bandeira do MST ou diante de mais uma terra conquistada. Sentir como sua a dor de um companheiro preso ou a alegria de sua libertação.

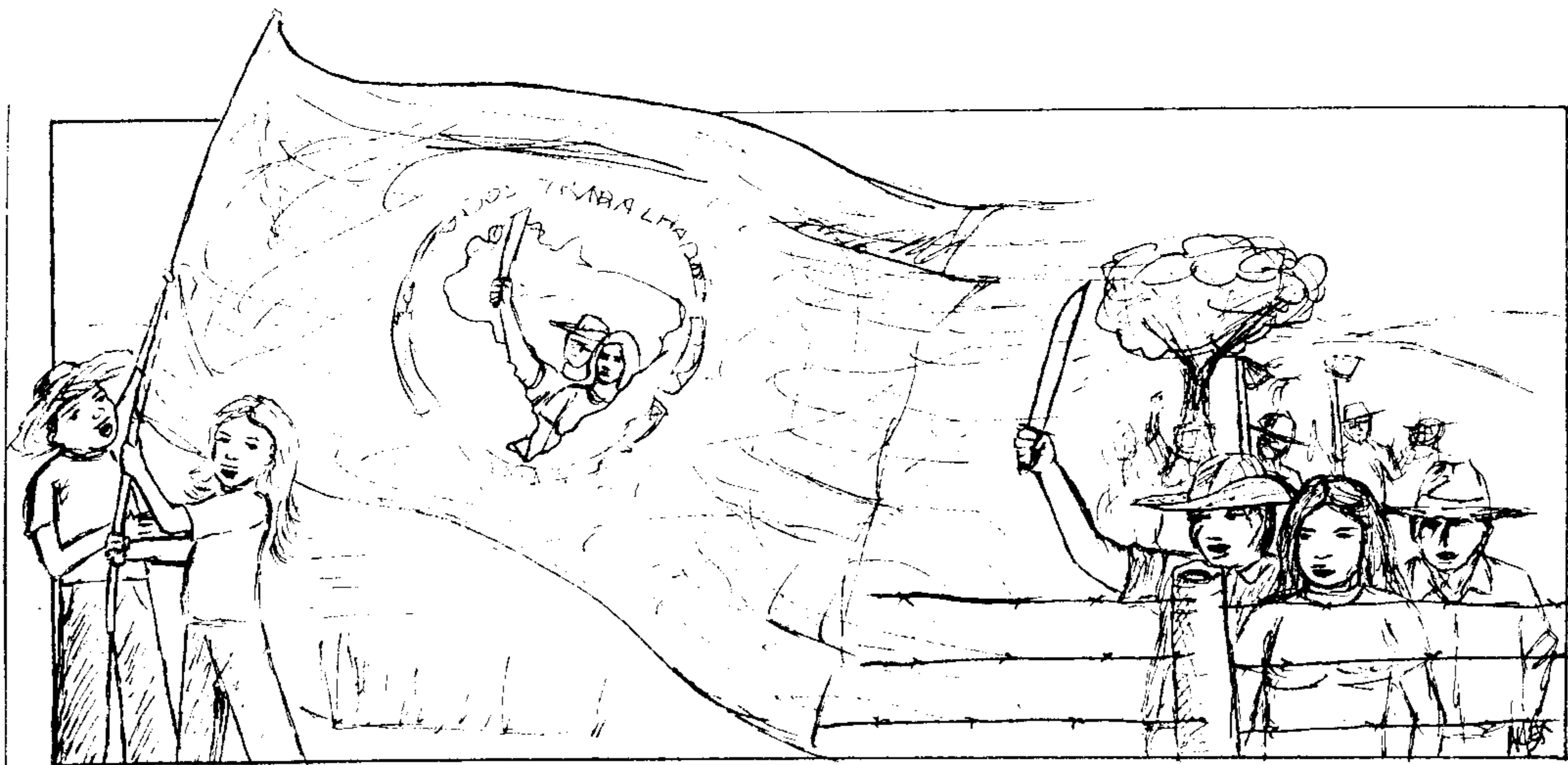
A Escola que não trabalhe esta dimensão da educação estará sem um dos seus pilares, e por isso sua estrutura será frágil.

Quando as crianças conseguem juntar o conhecimento da realidade à capacidade de se organizar e o exercício desta mística, estão aprendendo a transformar suas aventuras em causa; o companheirismo, a firmeza e a ternura em valores; a disciplina em princípio. Estão em condições de se tornar verdadeiros militantes.

Algumas formas concretas de exercitar a MÍSTICA do militante no dia a dia da Escola:

- Cantar o Hino e hastear a bandeira do MST na Escola.
- Comemorar os dias importantes da história de nossa luta.
- Participar das ações em conjunto com os Assentados.
- Festejar pequenas vitórias do coletivo da Escola: uma colheita bem sucedida; uma reivindicação atendida; um trabalho concluído ...

- Estimular a emulação entre as crianças de modo que se esforcem o máximo no trabalho e no estudo.
- Manter os alunos informados sobre o que acontece nos outros Assentamentos e no MST como um todo.



- 10 - A ESCOLA TAMBÉM É LUGAR DE VIVER E DE REFLETIR SOBRE UMA NOVA ÉTICA

Ética quer dizer: um conjunto de valores e princípios que se definem no coletivo e são assumidos pessoalmente por cada um dos membros deste coletivo.

Nos processos de transformação em que estamos envolvidos, um dos grandes desafios tem sido romper com os valores da velha sociedade e construir valores pessoais coerentes com os processos de luta coletiva. Nossa tendência é repetir os vícios que calcaram nossa personalidade até agora, tais como o individualismo, o autoritarismo, a auto-suficiência ou a obediência cega, o machismo, o racismo, etc.

A Escola pode trabalhar e ajudar neste desafio, à medida que lida com crianças, ou seja, com pessoas que estão em processo de formação da sua personalidade. É o momento de exercitar e discutir sobre como deve ser o comportamento das pessoas quando estão num coletivo que visa a cooperação. Certamente elas terão bem menos dificuldades do que nós adultos estamos tendo neste campo.

Alguns valores que a Escola pode priorizar:

1º) DISCIPLINA PESSOAL FIRME VINCULADA À ORGANIZAÇÃO COLETIVA.

A disciplina implica no cumprimento rápido, eficiente e dedicado das tarefas para as quais se é designado; implica no respeito aos outros através do respeito às decisões coletivas e no empenho incondicional para que os objetivos do grupo sejam atingidos da melhor forma possível.

Através da sua organização as crianças vão aprender que num coletivo, se cada pessoa resolve fazer os trabalhos de acordo com o que vai pela sua cabeça individual, a coisa não funciona. Uma vez tomada a decisão pelo grupo o empenho de cada um deve seguir o mesmo rumo, com a firmeza de quem sabe porque e para que está realizando qualquer atividade.

2º) PERSISTÊNCIA NO ESFORÇO

A falta deste valor prejudica muito o coletivo. As pessoas que esfriam o entusiasmo diante de qualquer dificuldade geralmente são aquelas que deixam tarefas pela metade, lutam pela metade. Jamais vão ser vencedores. Porque qualquer vitória exige esforço continuado.

Nossas crianças precisam aprender a ser perseverantes, a RESISTIR, para poder produzir. E esta aprendizagem começa nas pequenas atividades do seu dia a dia; suas irresponsabilidades não podem ser aceitas com tolerância paternalista, mas sim trabalhadas com firmeza. Parente da perseverança é o ENTUSIASMO E A ESPERANÇA no futuro, para os quais professores e pais também devem ser exemplos vivos.

3º) AMOR AO TRABALHO E AO ESTUDO. ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO.

O trabalho e o estudo não podem ser vistos como cargas pesadas que só se carrega por obrigação. E para que isto não aconteça é preciso garantir às crianças vários tipos de experiências de estudo e trabalho, onde elas possam vivenciar ao mesmo tempo a sua dimensão criativa e prazerosa e a sua dimensão de sacrifício; que também pode ser carregado de sentido, se entendido na sua perspectiva da prestação de serviços ao coletivo. Não preciso gostar de limpar o chão mas esta tarefa deixa de ser penosa se eu entendo que estou limpando o chão da nossa Escola, onde todos vamos nos sentir melhor se estiver bem limpo ... Da mesma forma um texto difícil, que dá dor de cabeça para conseguir ler, pode me apaixonar se nele eu encontro informações importantes para a minha vida.

4º) CRÍTICA SÉRIA E FRATERNAL

É preciso ser capaz de fazer e aceitar críticas. E ao fazê-lo, é preciso apontar com firmeza os erros ou os desvios pessoais e coletivos. Encobrir erros dos companheiros é deixar de ser companheiros e retardar o avanço do coletivo.

Por outro lado, a crítica não deve visar a destruição do companheiro mas sim a sua auto-crítica e superação dos problemas. A crítica fraterna é aquela que estende a mão e aponta o caminho para a superação dos equívocos e desvios.

5º) ORGANIZAÇÃO PESSOAL

Só a organização e planejamento do coletivo não bastam. É preciso que cada criança encontre o jeito de organizar o seu próprio trabalho ou estudo. Saber controlar o seu tempo, os seus materiais, as suas anotações no caderno

E ser organizado também significa saber distribuir as tarefas adequadamente com os companheiros: nem concentrar todas as tarefas para si e nem deixar que os outros façam tudo.

Quanto mais organizada a criança vai aprendendo a ser, mais disponível poderá tornar-se para o coletivo.

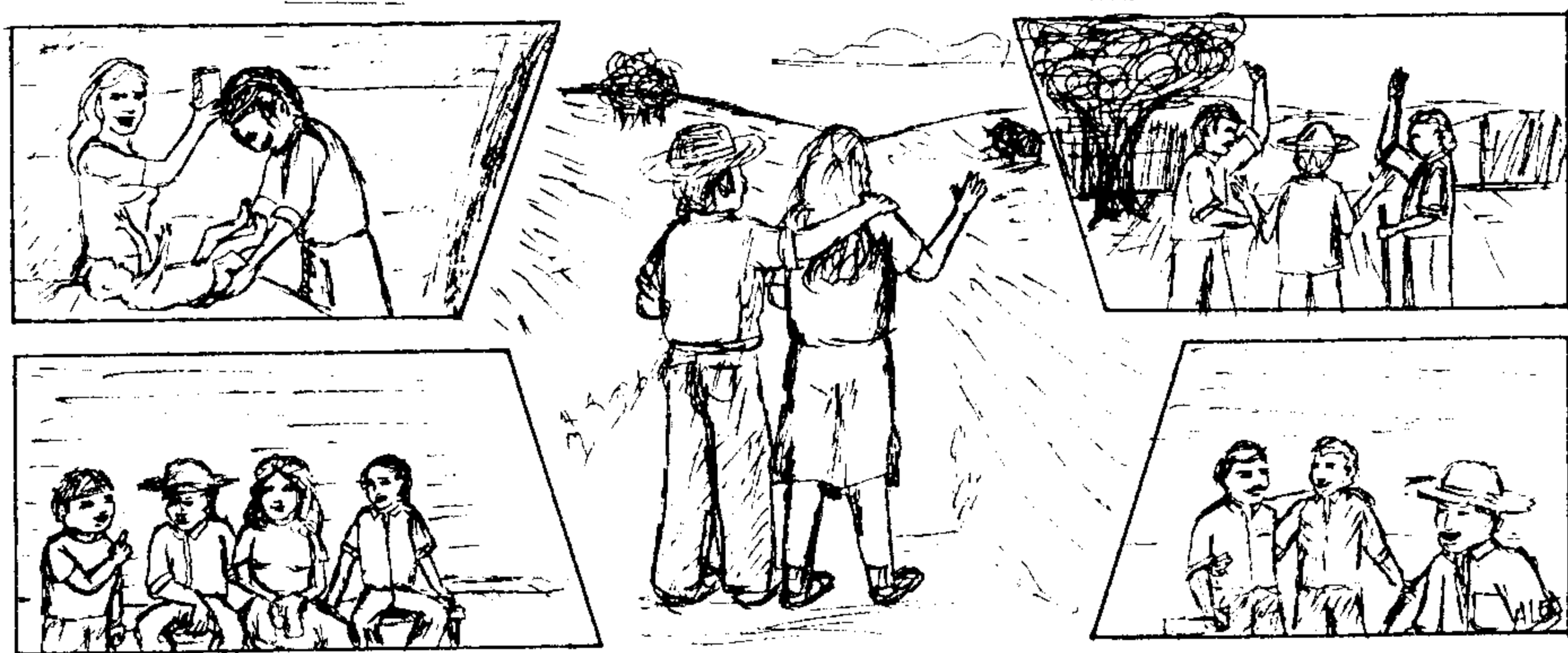
6º) HONESTIDADE

Mentiras, enganos, má fé, nunca se justificam. Desde pequenas as crianças precisam aprender a importância da verdade no relacionamento pessoal e no avanço de um processo de transformação. Desonestidade e corrupção andam juntas e são inimigas de qualquer organização; tanto mais da nossa que tem como bandeira construir um novo jeito de viver em sociedade.

7º) CAPACIDADE DE ENCONTRAR A FELICIDADE NO MEIO DA LUTA

Sem isso fica difícil pensar em multiplicar militantes. As crianças por vezes vêm no rosto dos pais apenas mágoa e sofrimento. Se entenderem que estar na luta significa ser amargurado e infeliz, logo que tiverem condições de optar, deixarão a organização. E ser feliz também é uma aprendizagem. Saber identificar nas situações mais diversas as razões de ir em frente; saber aproveitar os momentos de vitória, da ternura para fazer uma RESERVA de felicidade.

Uma Escola alegre e séria deve ser nossa meta para este exercício de ser feliz...



Bom trabalho!